Henrique Rema
A Música na Província Franciscana dos Algarves (1532-1834).

Resumo/ Abstract

A arte musical é uma das formas da comunicação humana, pondo em movimento a sensibilidade de quem a cria, de quem a executa e de quem a ouve. Por outro lado, ela reflecte os tempos e as culturas. A Bíblia Sagrada está cheia de testemunhos musicais, citando-se com frequência a cítara, o címbalo, a flauta, a harpa, o tamborim. A Igreja Católica pegou no legado bíblico, e uma das suas mais conhecidas iniciativas musicais é o chamado canto gregoriano, ou cantochão, a "música litúrgica" por excelência. "A música sacra é de grande eficácia para alimentar a piedade dos fiéis nas celebrações da palavra de Deus" Paulo VI), pois "cantar é rezar duas vezes". A Ordem Franciscana, como lídima filha da Igreja, cultivou sempre com esmero a música nos seus louvores a Deus. O exemplo veio do Fundador, que, já antes da "conversão", prendia à sua volta a juventude de Assis com serenatas, que enchiam Assis de música. De seguida, pôs toda a Itália a cantar, como "jogral de Deus". Os discípulos do Pobrezinho de Assis imitaram-no. E os Frades Menores e as Irmãs Clarissas da Província dos Algarves não desdisseram da tradição durante os seus três séculos de existência (1532-1834). Nela são identificados numerosos "músicos", porventura compositores de música, uma porção de "vigários do coro" e "regentes" e mais de meia centena de "organistas".